



EccoS Revista Científica

ISSN: 1517-1949

eccos@uninove.br

Universidade Nove de Julho

Brasil

Rojas, Jucimara

Linguagem, cognição e cultura: uma leitura em fenomenologia da prática educativa

EccoS Revista Científica, núm. 28, mayo-agosto, 2012, pp. 131-147

Universidade Nove de Julho

São Paulo, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=71523339009>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

[redalyc.org](http://www.redalyc.org)

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal

Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

LINGUAGEM, COGNIÇÃO E CULTURA: UMA LEITURA EM FENOMENOLOGIA DA PRÁTICA EDUCATIVA

*LANGUAGE, COGNITION AND CULTURE: A READING IN THE
PHENOMENOLOGY OF EDUCATIONAL PRACTICE*

Jucimara Rojas

Pós doutora em formação, desenvolvimento humano e ludicidade –
Universidade de Aveiro/Portugal;
Doutora em Educação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo;
Professora – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.
Campo Grande, MS – Brasil.
jjrojas@terra.com.br

RESUMO: Neste artigo visamos abordar as questões referentes às práticas educativas, contemplando a linguagem, a cognição e a cultura como modos de construção do humano ao longo de sua existência. Procuramos evidenciar tais elementos teóricos no contexto fenomenológico, destacando o aspecto axiológico do processo de aprendizagem. Reafirmamos a condição humana como ponto de partida ao educador/professor no sentido de incorporar em suas práticas educativas as proposições fenomenológicas como caminhos de busca do verdadeiro sentido de “ser”, de pensar e de sentir do aprendiz. Ressaltamos a importância do repensar de atitudes, posturas e crenças arraigadas que precisam ser rompidas, tendo em vista novos desafios que o mundo contemporâneo apresenta. Acrescentamos, com base em Merleau-Ponty, Martins, Bicudo, Aranha, Morin, Rojas que os propósitos da Fenomenologia encaminham e sugerem a apropriação perceptiva, atensiva, intencional e socializante do educador, aliando à sua prática novos olhares, num pesquisar contínuo de efeitos de sentido no processo da aprendizagem.

PALAVRAS-CHAVE: Cognição. Cultura. Linguagem.

ABSTRACT: In this article we aim to address the issues of educational practices, contemplating the language, cognition and the culture as ways of construction of human beings throughout their existence. We seek to stress these theoretical elements in the phenomenological context, emphasizing the value aspect of learning process. We reaffirm human condition as the starting point to educationist/teacher in order to incorporate in his/her educational practices the phenomenological proposals as ways of seeking the true meaning of being, thinking and feeling of learners. We single out the importance of rethinking rooted attitudes, behaviors and beliefs which need to be broken, considering the new challenges that the contemporary world presents. We add, based on Merleau-Ponty, Martins, Bicudo, Aranha, Morin, Rojas, that the purposes of phenomenology send and suggest the perceptive, attentive, intentional and socializing appropriation of educationists, allying new looks to their practice, in a continuous search for sense effects in learning process.

KEY WORDS: Congnition. Culture. Language.

1 Fenomenologia

Ao abordar a questão das práticas educativas cuja ênfase recai na linguagem, cognição e cultura, buscamos a Fenomenologia como suporte teórico para sugerir a construção de novas posturas, atitudes e ações educativas. Dessa forma, refletimos sobre os fenômenos presentes em toda ação humana e, concomitantemente, no próprio “ser” humano. Pretendemos envolver as práticas educativas de novos significados tendo como base o olhar, o pensar, o fazer, o estar e o “ser” fenomenológico.

Entendemos que a Fenomenologia sugere um movimento de ir e vir. O entrelaçamento de ideias, pensamentos estudados e conhecimentos que busquem constantemente o desvelamento daquilo que se apresenta da vivência, do real, do mundo vivido. A Fenomenologia propõe um constante recomeçar, sugere uma problemática, ela está sempre em um estado de aspiração para se deixar praticar e reconhecer-se como estilo, como movimento (MARTINS;DIEHTECHENIAN, 1984).

Assim, pensamos que para construir novas práticas educativas é necessário, principalmente, construir novas bases que, além de estarem alinhadas com o mundo atual, também se proponham a buscar a iluminação do verdadeiro sentido que se faz presente no fazer pedagógico. Fazer esse que necessariamente desvelado, não ocultado, favorecendo construções inovadoras do conhecimento.

Dessa forma, refletindo sobre a importância das ações educativas, no mundo contemporâneo, dos desafios postos ao educador cotidianamente, colocamos como caminho, as atitudes ousadas, as soluções criativas concatenadas com o mundo moderno, consideradas essenciais ao professor, no seu trabalho pedagógico. A Fenomenologia pode, portanto, proporcionar o encontro com as possibilidades pedagógicas, apontando a verdadeira claridade possível e necessária para os educadores do futuro.

Focalizando o pensamento fenomenológico, verificamos que se define como uma “volta às coisas mesmas” (MERLEAU-PONTY, 1990), isto é, aos fenômenos, aquilo que aparece à consciência e que se dá como objeto intencional. Seu objetivo é chegar à intuição das essências e/ou ao conteúdo inteligível e ideal dos fenômenos, compreendendo-os. Toda consciência é “consciência de alguma coisa”, assim sendo, a consciência não é uma substância, mas uma atividade constituída por atos, percep-

ção, imaginação, especulação, volição, paixão, com os quais visa a algo. Fazemos, então, menção à intencionalidade do autor/pesquisador.

Atribuir efeitos de sentido ao abrir-se à consciência uma presença ao mundo, a si mesmo e ao outro, ampliar o fazer pedagógico, abarcando os horizontes da percepção, para compreender, conhecer, desvelar e retomar suas práticas em um movimento constante de reflexão, de recriação dos espaços e dos dispositivos pedagógicos, no processo de ensinar/aprender.

Pois o mundo fenomenológico, para Merleau-Ponty (1984), dirige-se para a “experiência” que implica certamente uma forma de “reflexão”. Uma reflexão que supõe a possibilidade de observar as coisas como elas se manifestam na sua pureza original e, deixar-se guiar exclusivamente por elas. A tarefa é o ressignificar o fazer à luz da evidência que se mostra a cada momento, seja pela linguagem, pela cognição, pela afetividade, imaginação e/ou por uma cultura revelada na interação aluno-professor, constituída pelos saber pedagógico. Então Merleau-Ponty considera que o mundo fenomenológico:

[...] não é o ser puro, mas o sentido que transparece na interseção de minhas experiências com as do outro, pela engrenagem de umas sobre as outras; ele é, pois, inseparável da subjetividade e da intersubjetividade, que faz sua unidade pela retomada de minhas experiências passadas em minhas experiências presentes, da experiência do outro na minha (apud MARTINS; DIEHTECKENIAN, 1984, p. 67).

As experiências reveladas no processo do aprender podem conduzir o educador a explorar e esmiuçar o objeto investigativo sob o “olhar” fenomenológico, no sentido de uma apreensão ampla, consciente, e transcendental do fenômeno percebido. Buscar na linguagem, na emoção, na construção da história de cada um, de cada aprendiz, o desvelamento do seu “ser”. Do seu pensamento, seu sentimento, seu querer permitindo que o “ser” se revele com toda a sua grandiosidade, sem, contudo, perder sua essência, conservando as marcas e possibilidades naturais e próprias de cada “ser”. A esse momento Martins (1984) refere-se:

[...] com efeito, para que um ente possa aparecer tal como é e para que o sujeito cognoscente possa vir a apreendê-lo e enunciar-lo adequadamente, é preciso, originariamente, um espaço de abertura onde o Ser se dá, garantindo a todo ente ser o que é, sem contudo identificar-se ou reduzir-se a nenhum deles; é preciso que o Ser se desvele no aparecer dos entes particulares sem deixar, porém, de constituir o horizonte inesgotável de possibilidades de ser que não se limita aos contornos de nenhuma determinação particular; é preciso um espaço de “encontro” possível entre o homem e o apresentar-se do Ser nos entes (MARTINS, 1984 p. 13).

Portanto, a subjetividade do educador deve refletir novas possibilidades no ensinar em que o sujeito no caminho de retorno às origens, ao mostrar-se e revelar-se como “ser” na exploração do “eu”, traz a verdade como desvelamento, descortinando o fenômeno, no sentido de uma elevação, de uma contemplação maior dos fatos. O professor de posse desses “percursos” fenomenológicos reinventa sua prática.

A contemporaneidade exige do homem e, em especial do educador, a consciência do “vir a ser”, por meio de um aprendizado reflexivo, curioso, instigante que possa impor-se como um processo comunicativo do “ser” professor na formação integral do aprendiz. As reflexões permitem acompanhar as possibilidades educativas e que, neste trabalho, são sedimentadas pelas contribuições fenomenológicas, que visam ações baseadas na percepção, na afetividade e no aspecto relacional com vistas à construção de uma autonomia educativa.

2 O olhar fenomenológico no processo educativo

A Fenomenologia basicamente se guia pelos caminhos da experiência, e assim sugere uma tomada reflexiva da vivência, abrindo possibilidades de observar as coisas como elas se manifestam. Trazendo à consciência novos olhares, para permitir um redimensionamento dos fazeres. Ao tratarmos das práticas educativas, evidenciamos a necessidade de buscar um olhar intencional que possa nos desvelar formas diferenciadas no fa-

zer pedagógico. Compreendendo que em todo processo somos sujeitos e estamos em constante elo com o outro no movimento das mudanças e transformações dialeticamente intensas.

Assim é possível esclarecer os modos de comprometimento sujeito-mundo, ou modos do sujeito conviver com a realidade, e, reciprocamente, modos de a realidade apresentar-se ao sujeito nestes diferentes âmbitos de convivência. “A Fenomenologia é a porta para aquilo que é possível, um possível que pode ser experienciado e verificado por meio de procedimentos próprios, adequados” (MARTINS; DIEHTECHEKENIAN, 1984, p. 79).

Complementamos esse pensamento com Rezende (1990), que supõe à fenomenologia uma dimensão profundamente pedagógica, atribuindo-lhe características de um aprendizado constante. Um aprendizado de vida, na responsabilidade humana, da construção da própria história. A Fenomenologia como uma espécie de desafio, interpelando o homem a vir a ser:

[...] o método da Fenomenologia é afinal um método de aprendizagem, diretamente relacionado com a experiência cultural, e em essência atento ao problema do sentido da existência. Todos nós somos aprendizes, em relação a ele, constantemente desafiados a tornarmo-nos mais plenamente sujeitos de nossa própria história, sujeitos de nosso próprio discurso cultural. A fenomenologia provoca-nos, precisamente a fazermos a experiência de um discurso assumido, de maneira humana, na primeira pessoa, tanto do singular como do plural (REZENDE, 1990, p. 32).

A todo educador cabe o retorno às origens para incorporar novos significados ao seu fazer. Pois, “[...] o retorno às coisas é então a recuperação do nascimento do sentido [...]” (MARTINS, 1984). E é a procura pelo sentido das coisas que se faz necessário nos momentos de realizações pedagógicas, em que o professor tem à sua volta as condições de reconstruir, de inovar ativamente os meios que possam essencialmente conduzir o processo de aprendizagem. Retornar ao vivido significa também buscar a verdade como desvelamento, para fazer com que o obscuro se rompa, fazendo transparecer a iluminação.

É nesse sentido, que toda prática pedagógica deve ser direcionada por um olhar e um pensamento filosófico. Para procurar sempre as causas das coisas, nas entrelinhas do que está dito, daquilo que está feito. Meditar e refletir sobre as consequências dos fatos, das próprias ações, do próprio pensar. Para Merleau-Ponty (1990, p. 56) “[...] filosofar é procurar, é implicar que há coisas para se ver e se dizer [...]” A mediação pedagógica deve estar pautada, portanto, por atitudes filosóficas ou fenomenológicas, originárias de pensamentos inquietantes que dão ao professor/educador o caráter de pesquisador, na busca e na compreensão, dos sentidos das coisas.

Esse pensar traduz a necessária tomada de consciência do educador, na reflexão sobre toda a intencionalidade que possui e que pode lançar através do olhar. Daquilo que está à sua frente, que faz parte de suas práticas educativas, bem como do seu “eu” do “outro” e do mundo em que vive ou do mundo que concebe pra si. A consciência se torna abertura ao outro, como a si mesma. Reconhecemos na consciência “[...] o projeto de mundo, destinada ao mundo, um mundo que ela não abarca e nem possui, mas em direção ao qual ela não cessa de se dirigir [...]” (MARTINS, 1984, p.12).

A consciência como abertura para o mundo suscita sensibilidade, criatividade, ousadia, imaginação para ver além, para transpor as barreiras das convenções, das verdades impostas, dos pensares arraigados, rígidos e falsamente tidos como imutáveis. Acredita-se que a percepção interior é impossível sem a percepção exterior, porque o mundo, como conexão de fenômenos, antecipa na nossa consciência a realidade e é assim o meio para nos realizarmos enquanto consciência (MARTINS, 1984).

O olhar intencional do educador pode revelar o mundo à sua volta tal como é. As vivências no processo do aprender/ensinar, as experiências pedagógicas perfazem um contexto que é parte desse mundo. Que pode ser desvelado, deixando à mostra a inconcretude, o inacabamento, as infindáveis possibilidades de ser, de criar, de pensar e de construir o saber. “O mundo não é aquilo que eu penso, mas aquilo que vivo, sou aberto ao mundo, me comunico indubitavelmente com ele, mas não o possuo, ele é inesgotável [...]” (MARTINS; DIEHTECHEKENIAN, 1984).

O mundo atual exige dos educadores atitudes perceptivas observadoras, para a realização e construção de novos “moldes” educativos. Requer romper com velhos paradigmas e ressignificar a mediação pedagógica, na busca por ações inovadoras, dinâmicas que favoreçam a relação com o

aprendiz. O “desvelamento” do outro se dá pelo “querer ver” algo mais. Nessa relação com o outro nos mostramos em percepções e impressões do mundo, por meio das sensações, realizamos a apreensão do mundo vivido. E, retornar em suas ações, esse mesmo mundo carregado de transformações e reorganizações necessárias às novas estruturas, nos caminhos aprender e do ensinar (MERLEAU-PONTY, 1990, p. 184).

3 A intencionalidade na ação educativa

Na fenomenologia a consciência é intencionalidade, a abertura para compreender a essência do fenômeno, destituindo-o de sua atitude natural. “A pedra angular da Fenomenologia é a intencionalidade e movimento de estender-se, de abarcar o que está na circunvisão. É o ato de estar atento ao percebido.” (BICUDO, 2000, p. 72).

Assim a intencionalidade permite que o indivíduo crie sobre o mundo, experienciando. É a consciência de um querer intenso, objetivo e seguro. O educador consciente da intencionalidade redobra o sentido do fazer e retorna, de maneira significativa, a intensidade da realização, nas ações pedagógicas: “A intencionalidade afetiva e motora é que impulsionará a imaginação [...]” (MERLEAU-PONTY, 1990, p. 230).

Atribui-se ao educador atual um repensar das ações didáticas para encontrar caminhos e estratégias no aprender e ensinar do “ser” professor. De forma a assegurar relações recíprocas de descobertas, direcionando o trabalho educativo com base nas atitudes intencionais, na procura por uma educação inovadora, aproveitando toda a riqueza extraída da interação do próprio Ser, no mundo.

Ansiamos por encontrar novas estratégias que possibilitem o movimento do ato pedagógico entre o “pensar e o fazer”, num construir. Que permitam o conhecimento das partes e o sentido do todo, entendendo que a realidade é flexível e, portanto, o planejar a ação docente, requer do professor/educador um envolvimento maior no significado/sentido do SER/mestre. Requer atitudes menos mecanizadas e técnicas. Requer atitudes ousadas, criativas e construtivas. Requer ainda que a teoria

seja assimilada, compreendida e interpretada por meio de uma consciência integradora do sentido, cujo SER que ensina, seja também o SER que aprende e vice-versa [...] (ROJAS, 1998, p. 26, grifo da autora).

O sentido surge de nossa relação com o mundo e com os outros, em que a consciência integradora recobre todos os significados do verdadeiro papel do mestre. E a intencionalidade em ação, como atitude assumida perante o mundo, que configura o princípio fenomenológico que é a intenção de transgredir constantemente a opinião, o já posto, acabado, para chegar ao verdadeiro saber. Este encontro depende da intencionalidade projetada naquilo que se vê, no objeto, ou nas pessoas, da intensidade do querer, do sentir; aguçar o olhar para ver outras dimensões daquilo que se apresenta.

O “ser” professor na perspectiva fenomenológica requer posturas reflexivas de repensar esse mundo/vida, de inovar perante o movimento próprio de ser, de estar, de pensar e de fazer. De estar atento ao percebido, de reafirmar o sentido na mediação pedagógica, para transcender os limites circundantes no contexto educativo, na revelação do real e absoluto. Então, concebe-se a intencionalidade como uma presença dialógica, em que surge o sentido. “Porque estamos no mundo, estamos condenados ao sentido e não podemos fazer nada ou nada dizer que não tenha um nome na história” (MARTINS, 1984, p. 66).

4 Linguagem, conhecimento, cultura: a revelação do humano

Considerando que a fenomenologia trata da busca e do desvelamento do fenômeno, do “ser”, das coisas, pensamos que a intencionalidade é abertura à atitude perceptiva, procura iluminação e desocultamento do fenômeno, pelo desvelamento do homem, no revelar de olhares compreensivos, estratégias e caminhos. Entrever valores, crenças, símbolos, saberes e fazeres, destituindo-se da atitude natural, em busca da essência, do “ser”, das coisas, do próprio “eu” e do mundo. “O desvelamento significa a saída de algo do seu ocultamento – em uma das suas facetas (possibilidades) [...]” é o que aponta Critelli (1996, p. 74, grifo da autora).

Logo, acreditamos que a educação do futuro deve, então, estar, centrada na condição humana. E “[...] interrogar nossa condição humana implica questionar primeiro nossa posição no mundo [...]” (MORIN, 2003, p. 47). Ressaltamos que o ser humano é uma totalidade, é “ser” no mundo, “ser” de comunicação e compreensão, por meio da linguagem, da cognição e da cultura, compreendemos e conhecemos esse mundo vivido e/ou mundo vida, cultura expressa na linguagem compreensiva do homem em relação a esse mundo, ao outro e a si mesmo.

A linguagem expressa pelo homem, os conhecimentos acumulados ao longo da vida e que emergem da vida cultural, trazem sentidos ocultos, encobertos de significados, arraigados na essência humana e que necessitam da consciência ativa e perceptiva do educador, em intencionalidades. Consciência essa que pode ser desenvolvida por uma nova geração de teorias abertas, racionais, críticas e reflexivas, em favor da evolução humana. “Daí decorre a necessidade de destacar, em qualquer educação, as grandes interrogações sobre nossas possibilidades de conhecer [...]” (MORIN, 2003, p. 31).

Para esse autor a educação deve se inspirar no homem como integrante de um conjunto com diversas partes ligadas. Para isso é preciso entender e recompor o todo para conhecer as partes. A Fenomenologia vem complementar esse pensamento e trazer a iluminação às nossas interrogações, especialmente no aspecto educativo. Pois sabemos que o homem está inserido neste mundo, e a sua existência é essencialmente sua condição de “ser” no mundo.

A compreensão desta relação é necessária para entender o humano. Merleau-Ponty (1990, p. 73) assim se expressa: “Para entender o ser humano, é preciso vê-lo como Ser no mundo, isto é, como implicando ser e mundo, existência e significação.” É o olhar intencional para além do pensamento absoluto, ou seja, perceber o homem na unidade dentro da diversidade. Observar todo o movimento de “ser ao mundo”, que vem trazer a compreensão e o significado maior da existência do Ser.

Somos seres de compreensão e comunicação, destarte a linguagem, a palavra, pode ser encontro, ação, intencionalidade. A palavra manifesta a soberania do homem, e com a sua força o homem transforma o mundo. Aponta-nos Gusdorf:

Devemos maravilhar-nos diante desta descoberta da palavra, a qual nos introduz na realidade humana, para além do simples ambiente animal. A linguagem condensa em si a força da humanidade, que permite a elucidação dos pensamentos, pela elucidação das coisas (1970, p. 11).

Os sentidos fluem por meio da linguagem humana. Desdobram significados ocultos na existência do homem. A linguagem tem como função principal assegurar a inserção da pessoa no mundo, manifestando a transcendência da realidade humana, a única capaz de construir a realidade. A palavra, com efeito, constitui a essência do mundo e a essência do homem, segundo Gusdorf (1970).

O pensamento fenomenológico de Merleau-Ponty (1990) considera a linguagem como caminho do desvelamento do “ser” do mesmo modo pelo qual se pode compreender a essência contida na existência humana. Segundo o autor, o balbúcio já é uma linguagem que manifesta desejos, necessidades, afetividade, angústia, prazer. A linguagem infantil já vem carregada de significados e resulta do seu elo com o outro, fazendo-se entender e abrindo-se ao mundo. A criança descobre o mundo através da linguagem reinante. “Aprender a falar é aprender a representar um certo número de papéis, a assumir condutas das quais se é inicialmente espectador [...]” (MERLEAU-PONTY, 1990, p. 67).

A linguagem enquanto “desvelamento” do “ser” de sua consciência, do conhecimento e das experiências realizadas no mundo, sugere sentidos, que podem ser evidenciados na relação intencional professor/aluno. Desde cedo a criança aprende a falar coexistindo em seu meio. “Com sua linguagem global a criança se faz compreender pelo outro, que mergulha em sua consciência e apreende através da ordem racional de suas palavras a totalidade dos fenômenos.” (MERLEAU-PONTY, 1990, p. 61).

A linguagem visa assegurar a inserção da pessoa no mundo, nas trocas com o outro, consigo mesmo e com o meio. “A linguagem manifesta a transcendência da realidade humana, a única capaz de constituir o mundo. A palavra constitui a essência do mundo e a essência do homem.” (GUSDORF, 1970, p. 34). Significa a constatação da verdade humana, enriquecida pela consciência e pelos conhecimentos, pelas experiências e ações que dão ao homem o poder de representar o mundo.

Com base nessas colocações, observa-se que as diferenças entre o homem e o animal não são apenas de grau, pois, enquanto o animal permanece envolvido na natureza, o homem é capaz de transformá-la. A ação humana por meio das experiências torna possível a existência da cultura.

A cultura é [...] o processo pelo qual o homem acumula as experiências que vai sendo capaz de realizar, discerne entre elas, fixa as de efeito favorável e, como o resultado da ação exercida, converte em idéias as imagens e lembranças, a princípio coladas às realidades sensíveis, e depois generalizadas, desse contato inventivo desse mundo natural (ARANHA, 1986, p. 5).

Destarte, o mundo resultante da ação humana é um mundo humanizado. Pois ao transformar a natureza, o homem torna o mundo cultural. Uma espécie de sistema de significados já estabelecidos por outros. Com valores e regras que nortearão a construção da vida social. São esses significados que estão mergulhados em efeitos de sentidos intensos, complexos, verdadeiros, possíveis de serem identificados por olhares intencionais. Acredita-se que a cultura não abarca somente o aspecto cognitivo do homem (ARANHA, 1986). É na complexidade do ser, na sua história, nas experiências, nas vivências sociais é que reside a cultura do homem, em uma dimensão cada vez maior.

Se a cultura contém um saber coletivo acumulado em memória social, se é portadora de princípios, modelos, esquemas de conhecimento, se gera uma visão de mundo, se a linguagem e o mito são partes constitutivas da cultura, então a cultura não comporta somente uma dimensão cognitiva: é uma máquina cognitiva cuja práxis é cognitiva (MORIN, 2003, p. 20).

Para Morin (2003), os homens que estão inseridos em uma determinada cultura, pelo seu modo de conhecimento, produzem a cultura que produz o seu modo de conhecimento. Em todas as culturas, o conhecimento cotidiano é uma mistura singular de percepções sensoriais e racionalidades. De intuições verdadeiras e falsas; induções justificadas e errôneas. De ideias recebidas e de ideias inventadas; de saberes profundos e de

sabedorias ancestrais de fontes misteriosas e de superstições infundadas. De crenças inculcadas e de opiniões pessoais.

Considera o autor que esse conhecimento é bastante limitado frente ao conhecimento científico mas estes são com frequência, limitados em relação a esse conhecimento vulgar ingênuo. No entanto são conhecimentos presentes na vida do homem e que lhe dão condições de mudar as maneiras pelas quais age sobre o mundo, estabelecendo relações mutáveis que alteram a maneira de perceber, de pensar e de sentir.

As relações humanas além de desenvolverem as habilidades, favorecem a aprendizagem e enriquecem a afetividade. Ao experimentar emoções de expectativa, desejo, prazer, medo, o homem aprende a conhecer a natureza, as pessoas e a si mesmo, traz o mundo para si.

Buscam-se nas relações humanas, na cultura construída, nas linguagens estabelecidas, a própria essência mutável do homem. É no conjunto desses elementos que se situa o movimento de realização do “ser”. Sentidos que podem ser interpretados pela visão intencional do “ser” professor.

É o que se pretende, ao atribuir ao educador do futuro a tarefa de redimensionar as práticas educativas na perspectiva fenomenológica. Incorporar atitudes de busca, procurar por coisas para ver e dizer. As práticas educativas podem ser consideradas no mundo contemporâneo como fenômenos a ser desvelados, revelando seres, pensamentos, sentimentos, novos fazeres, no processo do ensinar/aprender, tornando possível a realização plena do humano.

No movimento de realização não são meramente coisas, sentimentos, sensações, idéias que, ao se tornarem reais, firmam sua presença no mundo vivido. Através de tal realização, é um sentido de ser que se torna aparente, porque nele e por ele essas coisas, sentimentos, sensações, idéias apresentam-se como o que são (CRITELLI, 1996, p. 101).

Por meio das ações pedagógicas, desenvolvidas no âmbito da sala de aula, propiciamos a oportunidade de conhecer, compreender e melhor contemplar o aprendiz. Fazer da prática e da teoria um movimento de realização, de iluminação, de ludicidade para estender as possibilidades na construção do conhecimento. “Elaborar um saber, entendê-lo. Apropriar-

se dele [...]” (ROJAS, 1998, p. 68) e não sermos apenas depositante de um programa rígido, transmitido somente, mas que sejam ações mais desafiantes de um processo a ser construído. Perceber quais as categorias que mais evidenciam cada temática a ser abordada e alicerçar nelas um tripé de ação que se ampara em linguagem, cognição e cultura.

De acordo com Merleau-Ponty (1990) a verdadeira filosofia consiste em reaprender a ver o mundo. Porque nós temos em mãos nossa sorte, tornamo-nos responsáveis por nossa história por meio da reflexão, mas também por uma decisão em que engajamos nossa vida e, nos dois casos, trata-se de um ato violento que se verifica ao se exercer.

Assim, responsáveis por nossa própria história e daqueles que estão à nossa volta requer de nós, compromisso, coragem, ousadia. Requer reflexões sobre o fazer, o dizer, o sentir. Ao professor/educador é apresentado o mundo vivido, para ser analisado, interpretado e ressignificado.

A tarefa da Fenomenologia é revelar este mundo vivido antes de ser significado, mundo em que vivemos em coexistência com os demais. Um mundo que é o solo de nossos encontros com o outro onde se descortina nossa história, nossas ações, nosso engajamento, nossas decisões, nossos momentos construtivos (ROJAS, 2004).

Ao refletirmos sobre a questão das práticas pedagógicas, tomamos inicialmente os pressupostos fenomenológicos, que apontam a necessidade de irmos “as coisas mesmas” (BICUDO, 2000). Isto significa que enquanto educadores, temos à frente o caminho da busca, da investigação, da reflexão constante. Significa que o campo de inquérito é infinito, incluindo todas as possibilidades de fenômenos, quando estes se doam às experiências. Quando estes se nos apresentam e que temos o dever de dirigir nosso olhar inquietante, perceptivo para desdobrá-lo, para encontrar efeitos de sentido, de “ser”, de pensar. Tendo como base esses “achados”, podemos reconstruir ações didáticas, recriar momentos no aprender, reacender novos desafios na estimulação do querer. Segundo a autora é possível saber o que faz sentido para o sujeito, buscando a origem do percebido totalmente despido de pré-concepções.

Seguindo a máxima fenomenológica, que é *ir-à-coisa-mesma* e não a conceitos ou idéias que tratam da coisa, é preciso irmos ao sujeito que percebe e perguntarmos o que faz sentido para ele,

tendo como meta a compreensão do fenômeno investigado. O sujeito expõe aquilo que faz sentido, ou seja, ele relata, *descreve* o percebido (BICUDO, 2000, p. 74, grifos da autora).

Reafirmamos, segundo os autores citados, que a pedra angular da fenomenologia é a intencionalidade, posta em processo a atitude dela decorrente. Essa atitude tem como núcleo a própria concepção de consciência, entendida como um todo absoluto, não dependente de outro ente e não tendo nada fora de si, porque é movimento de estender-se, de abarcar o que está na circunvisão; é o ato de estar atento ao percebido (MARTINS, 1984).

O olhar fenomenológico nos permite crer que o mundo da percepção que se nos revela sempre, em todo o contexto educativo ou fora dele, como um berço de significações, desvelando o sentido de todos os sentidos e o solo de todos os pensamentos. A existência como uma experiência rara, extraordinária, sem limites, desdobra-se em iluminação, revelando um “ser” que constitui o mundo, a totalidade. O processo educativo, nesse sentido, possibilita a realização do real, por meio das vivências, das experiências, da relação ensinar/aprender. Um movimento de mundo, de ideias de encontro com o outro e consigo mesmo.

Todo o sentido que encontramos insinua movimento. “Movimento que dá o mundo, movimento que dá ao mundo, a tudo o que nele comparece e ao próprio homem, sua chance de manifestação (ou aparência), seus significados e sentidos” (CRITELLI, 1996, p. 101, grifo da autora). São efeitos de sentido que extravasam os pensamentos, os sentimentos, as emoções, e os desejos. Toma-se esse mundo como o nosso, apossamo-nos dele, realizando um diálogo de sentido.

Merleau-Ponty considera assim o mundo fenomenológico:

Não é o ser puro, mas o sentido que transparece na interseção de minhas experiências com as do outro, pela engrenagem de umas sobre as outras; ele é, pois, inseparável da subjetividade e da intersubjetividade, que faz sua unidade pela retomada de minhas experiências passadas em minhas experiências presentes, da experiência do outro na minha (apud MARTINS; DIEHTECHEKENIAN, 1984, p. 67).

No terreno fecundo da fenomenologia orientamos pesquisas de forma a aprofundar a compreensão dos sentidos e significados presentes nas ações educativas e então desvendar novos meios de construções do saber. Para renovar e inovar os dispositivos pedagógicos na condição de “ser” do educador.

Essas realizações contemplam dissertações já concluídas no campo fenomenológico, as de Andrade (agosto/2005), Silva (agosto/2005), Prati (outubro/2005) e Carvalho (novembro/2005) que se evidenciam como caminhos para a organização da prática educativa, trazendo elementos inovadores no “fazer” em consonância com o mundo atual, consolidando, assim, uma profissionalidade pautada pelas exigências contemporâneas. Com o intuito de explorar novos sentidos para o processo do aprender/ensinar e, dessa maneira, entrevermos momentos, valores, atitudes, teorias que podem ser redimensionados para a elevação do “ser” tornando o mundo mais humanizado. Com olhares que possam transcender ao real, ao vivido. Olhares que abarquem as partes e o todo, em sintonia com o mundo, nas descobertas acerca de si mesmo e das reações com o outro.

Desta maneira, a educação atual pode promover o desenvolvimento sendo no mundo humano, fazendo despertar a inteligência e a possibilidade do homem estar apto a esse mundo complexo, extrapolando o valor do aprendiz e valorizando as possibilidades que se apresentam no contexto sócio/educacional.

A pessoa humana não existe em um sentido meramente factual, sujeita a certas necessidades e desejos, colada a certo modo de vida, mas antes, que existe de maneira que pode adotar uma relação cognitiva e prática com sua própria existência, de maneira que tenha uma determinada interpretação de quem é, e do que pode fazer consigo mesma (ROJAS, 1998, p. 115).

É, portanto, preciso favorecer o processo do crescer humano propondo-lhe melhores e mais adequadas condições para o pleno desabrochar do potencial. Na percepção que o homem tem de si mesmo, descobre-se em processo de crescimento. Entre o que era ontem e o que é hoje. Processa em sua vida a construção do “ser”, desenvolvendo a grande riqueza da pessoa humana: a existência. Cabe à educação a oportunidade de oferecer à

pessoa condições de crescimento e realização do “ser”. A intencionalidade conduz a realização, em que o sujeito tem a possibilidade de construir um mundo novo.

Quando, por uma primeira “invasão intencional” aparece-me um outro corpo explorador, um outro comportamento, o homem em bloco me é dado com todas as suas possibilidades, sejam elas quais forem, e cuja comprovação irrecusável é atestada no meu íntimo, no meu ser encantado [...] (MERLEAU-PONTY, 1984, p. 50).

Conclui-se que o pensar fenomenológico interage, transcende, transporta, mostra, desvela e recobre o mundo para outra dimensão. E, no contexto educativo, traz a iluminação do todo e das partes. Transforma as estratégias de ensino, reconduz a novos caminhos, reorienta as ações didáticas. O sentido de “ser” e das coisas se abrem à nossa frente, se deixam ver, mostram-se...

Referências

- ANDRADE, L. C. de. *O desenho como expressão no aprendizado infantil: caminhos e possibilidades*. Dissertação (Mestrado Educação) - Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 2005.
- ARANHA, M. L. de A. *Filosofando: introdução à filosofia*. São Paulo: Moderna, 1986.
- BICUDO, M. A V. *Fenomenologia: confrontos e avanços*. São Paulo: Cortez, 2000.
- CARVALHO, P. A. *Retocando a aprendizagem no jardim de infância: a música como linguagem*. Dissertação (Mestrado Educação) - Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 2005.
- CRITELLI, D. M. *Análise do sentido: uma aproximação e interpretação do real de orientação fenomenológica*. São Paulo: EDUC: Brasiliense, 1996.
- GUSDORF, G. *A fala*. Tradução João Morais Barbosa. SP: Despertar Porto. 1970. (Humanitas).
- MARTINS, J.; DIEHTECHEKENIAN, M. S. F. *Temas fundamentais de fenomenologia*. São Paulo: Moraes, 1984.

MERLEAU-PONTY, M. Maurice Merleau-Ponty na Sorbonne: resumo de cursos: 1949 – 1952: Filosofia e linguagem/ Maurice Merleau-Ponty; Tradução: Constança Marcondes César. Campinas, SP: Papirus, 1990.

MERLEAU-PONTY, M. *Textos escolhidos*. Seleção de textos de Marilena de Souza Chauí, Nelson Alfredo Aguilar, Pedro de Souza Moraes. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1984. (Os pensadores).

MORIN, E. *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. Tradução Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaya. Revisão técnica Edgard de Assis Carvalho. 8. ed. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2003.

PRATI, R. C. *O fazer do psicólogo escolar: uma escuta em educação*. Dissertação (Mestrado Educação) - Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 2005.

REZENDE, A. M. de. *Concepção fenomenológica da educação*. São Paulo: Cortez; Autores Associados, 1990. (Polêmicas do Nosso Tempo, v. 38).

ROJAS, J. *Interdisciplinaridade na ação didática: momento de arte/magia do ser professor*. Campo Grande, MS: Editora UFMS, 1998.

ROJAS, Jucimara. Momentos de ludicidade construtiva nas práticas pedagógicas portuguesas. Aveiro: Universidade de Aveiro-Portugal, 2004. CD-ROM.

SILVA, M. B. *A concepção de currículo na voz do educador: a vez da criança*. Dissertação (Mestrado Educação) - Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 2005.

Recebido em 28 nov. 2011 / Aprovado em 14 maio 2012

Para referenciar este texto

ROJAS, J. Linguagem, cognição e cultura: uma leitura em fenomenologia da prática educativa. *EccoS*, São Paulo, n. 28, p. 131-147. maio/ago. 2012.

